



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**SIMONY APARECIDA MACIEL SILVA**

**LINGUAGEM E VIOLÊNCIA: O RACISMO À BRASILEIRA REVELADO ATRAVÉS  
DE ATAQUES RACISTAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

**MONTEIRO  
2022**

**SIMONY APARECIDA MACIEL SILVA**

**LINGUAGEM E VIOLÊNCIA: O RACISMO À BRASILEIRA REVELADO ATRAVÉS  
DE ATAQUES RACISTAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Linguística Aplicada.

**Orientador:** Dr. Diêgo Breno Leal Vilela

**MONTEIRO**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Simony Aparecida Maciel.  
Linguagem e violência [manuscrito] : O racismo à brasileira revelado através de ataques racistas nas redes sociais digitais / Simony Aparecida Maciel Silva. - 2022.

40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Diêgo Breno Leal Vilela, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Racismo. 2. Fábula das três raças. 3. Violência e linguagem. I. Título

21. ed. CDD 320.56

SIMONY APARECIDA MACIEL SILVA

**LINGUAGEM E VIOLÊNCIA: O RACISMO À BRASILEIRA REVELADO ATRAVÉS  
DE ATAQUES RACISTAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Linguística Aplicada.

Aprovado em: 26/07/2022

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Diêgo Breno Leal Vilela (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Melânia Nóbrega Pereira de Farias  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof.<sup>a</sup>. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

À minha mãe, Socorro Maciel, que me motiva por meio do seu amor incondicional, e inspira a ser alguém melhor a cada dia, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que a gratidão é um dos sentimentos mais nobres que podemos expressar para aqueles que tanto nos ajudaram durante a nossa caminhada. Antes de tudo, quero agradecer a Deus e à Maria Santíssima, por sempre ter me protegido e dado forças para continuar, até mesmo quando pensei em desistir diante das dificuldades.

Agradeço a minha mãe, Socorro Maciel, que desde sempre foi a minha maior incentivadora, e também, por acreditar que eu alcançaria os meus objetivos. O seu amor incondicional, seu zelo, cuidado e atenção foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui. Sem a senhora eu não teria conseguido. És simplesmente tudo na minha vida.

Ao meu pai, Paulo Maciel, que por tantas vezes me fez rir, disse que eu conseguiria e tornou mais leve essa difícil caminhada que me desafiei a seguir. Às minhas irmãs Soneide, Siclaudia e Silberlania, por terem ouvido os meus desabafos, e estarem sempre ao meu lado, vocês são verdadeiros anjos na minha vida, tenho orgulho de chamá-las de irmãs. Aos meus sobrinhos Túlio, Saulo e Lorena, por todo amor e carinho que sempre tiveram comigo, por serem o meu refúgio todas as vezes que precisei, com vocês é só alegria.

Ao meu orientador, professor Dr. Breno Vilela. Posso dizer que sou privilegiada em ser sua orientanda, a admiração que nasceu na disciplina de Educação e Direitos Humanos, só cresceu. A minha gratidão é imensa, sua paciência, atenção e conhecimentos foram responsáveis por tornarem a minha pesquisa possível. Obrigada por ter acreditado na minha capacidade quando nem eu mesma acreditei, e por ter me incentivado inúmeras vezes. Espero que mais pessoas possam ter a mesma oportunidade de serem orientadas por você.

Ao meu noivo, Anderson Maikon, por estar ao meu lado, por me ouvir e estar sempre disponível para me ajudar. Seu amor e cuidado comigo são as coisas que mais me encantam em você, obrigada por toda a paciência e por acreditar em mim.

A Paulo, o irmão que o curso de Letras me presenteou. Sonhamos juntos em concluir o curso. Obrigada por tantos conselhos, pelo incentivo, por acreditar que meu objetivo seria possível.

Aos meus professores de graduação, os quais não me arrisco em citar nomes para não pecar ao esquecer de algum. Mas que sempre estarão marcados em meu coração por terem somados tantos conhecimentos à minha formação.

A Marcos da Coordenação, por tanta paciência ao responder as minhas inúmeras dúvidas, e por tantas palavras de apoio e incentivo.

Aos meus colegas de ônibus (tantos perrengues que passamos), em especial a Daniel, nosso motorista, que nunca mediu esforços para chegarmos a tempo na Universidade. Por ter ficado tantas vezes na estrada conosco, seja por que o ônibus quebrou, atolou, furou os pneus. Foram diversas as vezes que ficamos procurando “sinal” no celular para pedir ajuda a alguém. Obrigada por tudo.

A todos os colegas de curso que estiveram comigo em tantas situações. E, por fim, as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente para que eu concluísse o meu objetivo. Valeu.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as características e peculiaridades do racismo à brasileira, tomando como base a análise de três casos expressivos de racismo que aconteceram por meio das redes sociais digitais, com ênfase no papel da violência linguística. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde no seu decorrer, buscamos responder às seguintes questões: de que forma o racismo tem se manifestado nas redes sociais digitais? Como as redes sociais contribuem para a disseminação do racismo? De que maneira a linguagem e o racismo estão entrelaçados? Para alcançar o nosso objetivo e responder às indagações que movem o trabalho, construímos o seguinte percurso: primeiro, traçamos uma breve explanação sobre redes sociais digitais (ZENHA, 2018; AZEVEDO e CALDAS, 2022) e apresentamos os casos de racismo aqui tematizados. Em seguida, discutimos as noções de raça e racismo no Brasil, principalmente a partir das proposições de Da Matta e a sua “fábula das três raças”, (1981); Nogueira (2006) e Almeida, (2018); por fim, apresentamos uma análise dos casos em questão, destacando as relações entre racismo, linguagem e violência (SILVA, 2017; SILVA E ALENCAR, 2013;), promovendo o entrelaçamento entre dados de pesquisa e teorização. A pesquisa aponta para a compreensão de que o racismo possui raízes profundas na construção histórica da sociedade brasileira. Os casos analisados de racismo possuem em comum o fato de atacarem a dignidade das vítimas, de desumaniza-las, animaliza-las e inferioriza-las em decorrência de suas características fenotípicas. Além disso, o racismo, enquanto vetor estrutural da nossa sociedade encontra na língua uma forma de manifestação, de construção e reforço de hierarquias sociais.

**Palavras-chave:** Racismo. Fábula das três raças. Violência e linguagem.



## ABSTRACT

This work aims to understand the characteristics and peculiarities of Brazilian-style racism, based on the analysis of three expressive cases of racism that took place through digital social networks, with emphasis on the role of linguistic violence. This is a qualitative research, where in its course, we seek to answer the following questions: how has racism manifested itself in digital social networks? How do social networks contribute to the spread of racism? How are language and racism intertwined? To achieve our objective and answer the questions that drive the work, we built the following route: first, we outline a brief explanation about digital social networks (ZENHA, 2018; AZEVEDO and CALDAS, 2022) and present the cases of racism discussed here. Then, we discuss the notions of race and racism in Brazil, mainly from the propositions of Da Matta and his “fable of the three races”, (1981); Nogueira (2006) and Almeida, (2018); Finally, we present an analysis of the cases in question, highlighting the relationships between racism, language and violence (SILVA, 2017; SILVA E ALENCAR, 2013;), promoting the intertwining between research data and theorization. The research points to the understanding that racism has deep roots in the historical construction of Brazilian society. The analyzed cases of racism have in common the fact that they attack the victims' dignity, dehumanize them, animalize them and make them inferior due to their phenotypic characteristics. Furthermore, racism, as a structural vector of our society, finds in language a form of manifestation, construction and reinforcement of social hierarchies.

**Keywords:** Racism. Fable of the three races. Violence and language.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Ataque racista sofrido pela filha da cantora Pocah nas redes sociais digitais .....	17
Imagem 2: <i>Print</i> que consta o ataque racista sofrido pelo cantor Menor Nico.....	18
Imagem 3: <i>Print</i> que consta ataque racista sofrido pela criança de 7 anos.....	19
Imagem 4: análise dos casos – a nuance desumanizadora do racismo.....	29
Imagem 5: análise dos casos – cabelo enquanto identidade .....	31
Imagem 6: análise dos casos – relações de domínio e menosprezo .....	33
Imagem 7: análise dos casos – ataques a aparência.....	34

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As raças nos Estados Unidos e no Brasil .....	23
Figura 2: Mistura de “raças” .....	25

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>1. CAPÍTULO 1 – RACISMO NAS REDES SOCIAIS .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Redes sociais digitais.....</b>	<b>15</b>
<b>1.3 Casos de racismo .....</b>	<b>16</b>
<b>2. CAPÍTULO 2 – RAÇA E RACISMO NO BRASIL.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Raça: um breve percurso histórico.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Raça e racismo no Brasil: características do racismo à brasileira .....</b>	<b>21</b>
<b>3. CAPÍTULO 3 – VIOLÊNCIA NA LINGUAGEM .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1. Usos violentos da linguagem: o racismo linguístico .....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

As redes sociais digitais são espaços interativos que alcançam um público muito abrangente. Assim, tratando-se de um ambiente virtual democrático, onde as pessoas se sentem livres para expressar suas opiniões, também se torna um local propício para a disseminação do ódio, manifestado através do preconceito, racismo e intolerância.

Considerando o avanço tecnológico, cada vez mais as pessoas estão conectadas por meio de celulares, computadores e outros aparelhos *smarts*, o acesso às redes sociais digitais se tornou disseminado, isso porque, qualquer pessoa pode ter acesso a qualquer momento, desde que esteja conectado à internet. Pode-se dizer, portanto, que estamos em uma era digital, em que as pessoas estão cada vez mais envolvidas no “mundo” virtual.

O que cabe mencionar, é que nem sempre há um uso consciente da internet. Muitas pessoas fazem desses espaços digitais um “palco” para a propagação de uma série de violências, a exemplo do racismo. E, ainda, há diversos meios que permitem amplificar essas ações: mensagens diretas, publicações, comentários, vídeos com conteúdo de ordem violenta, compartilhamentos, entre outros recursos.

Embora possa ser compreendido que são muitas as formas de propagação do ódio racial, a presente pesquisa se deterá na abordagem da violência linguística, manifestada através das redes sociais digitais. O racismo, tem como base a discriminação fundamentada na raça, segundo Almeida (2018, p. 25):

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

E, pensando no racismo e sua manifestação através da linguagem no ambiente virtual, esse trabalho apresenta como questões norteadoras: de que forma o racismo tem se manifestado nas redes sociais digitais? Como as redes sociais contribuem para a disseminação do racismo? De que maneira a linguagem e o racismo estão entrelaçados? Todo o percurso traçado durante as discussões, oriundos de um estudo com bases teóricas e reflexão, será delineado em prol de responder essas perguntas.

O objetivo geral a ser perseguido ao longo desta pesquisa, apontamos: compreender as características e peculiaridades do racismo à brasileira tomando por base a análise de três casos específicos de racismo manifestados nas redes sociais digitais, respectivamente, o caso de Vitória, de apenas 4 anos de idade, filha da cantora Pocah, de Menor Nico, cantor e *influencer*,

15 anos de idade, e por último, de uma criança de 7 anos que não teve o nome relevado pelos pais. Para os objetivos específicos: 1) realizar um estudo sobre as manifestações do racismo nas redes sociais; 2) refletir sobre a violência linguística manifestada através de expressões racistas e proferida pelos internautas em casos de racismo; 3) entender como o grande alcance de usuários nas redes sociais ajuda na propagação do racismo.

Considerando que as pessoas encontraram nas redes sociais uma forma de dar vazão ao racismo existente – porém, muitas vezes não reconhecido ou declarado – a hipótese que pode ser apresentada, consiste na percepção de que, as redes sociais, por ser um meio digital muito utilizado e bastante disseminado, acabam tornando ampla a possibilidade de propagação desses tipos de ataques, em forma de comentários, publicações, compartilhamentos, mensagens diretas, etc.

Desenvolver um estudo com esta temática constitui algo de suma importância, tanto pela sua atualidade, quanto pelas suas raízes históricas. A ideia de raça e o próprio racismo apresentaram-se ao longo do tempo, como elementos estruturantes das relações sociais na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018). No contexto atual, de profusão das redes sociais digitais, esse fenômeno ganhou novos contornos e meios de vazão. Neste sentido, compreender suas formas de apresentação e a relação entre linguagem e violência torna-se algo pertinente e necessário.

Para fundamentar os argumentos apresentados, pautamo-nos nas considerações de Zenha (2018) e Azevedo e Caldas (2022) que trazem importantes apontamentos sobre as redes sociais digitais. Para entendermos as noções de raça e racismo no Brasil, pautamo-nos em Almeida (2018), Da Matta (1981) e Nogueira (2006), por fim, servimo-nos de Nascimento (2019, 2021) para entendermos as relações entre linguagem e racismo, e também de Danillo Silva (2017) e Silva e Alencar (2013) que trazem importantes considerações sobre violência linguística.

A organização desse trabalho se deu a partir da construção de três capítulos. No primeiro deles, apresentamos uma breve explanação sobre redes sociais digitais e após isso, expomos os casos que são objeto de nossa análise. No segundo capítulo, evidenciamos uma discussão pautada nas noções de raça e racismo no Brasil, a fim de compreender as nuances do racismo à brasileira. No terceiro capítulo, nos comprometemos em realizar a análise do nosso objeto de estudo, promovendo o entrelaçamento entre dados de pesquisa e teorização. Assim, busca-se entender as relações entre racismo e linguagem à medida que se expõe as peculiaridades dos casos de racismo que muito revela sobre o racismo à brasileira.

## METODOLOGIA

A internet é um campo bastante amplo para se realizar uma pesquisa, sobretudo, nas redes sociais. Assim sendo, o pesquisador se sente desafiado, principalmente, no que se refere a seleção do material que será objeto do seu estudo. O presente trabalho consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa: Para Flik (2008, p. 23):

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

Esse estudo é, portanto, regido por muitas leituras e reflexões críticas sobre o assunto que nos propomos a pesquisar, que a princípio, surgiu de uma inquietação pessoal, em decorrência de diversos ataques racistas ocorridos nos últimos meses na internet, e que ganharam uma expressiva notoriedade, repercutindo na mídia em geral, inclusive em sites de notícias de mídias digitais.

Com o desafio de realizar uma pesquisa qualitativa, baseada em reflexões críticas de ordem midiática e para tornar evidente a manifestação de racismo nesses espaços digitais, abordaremos o estudo de três casos em que esses tipos de violência são proferidos, ao mesmo tempo em que revelam nuances do racismo à brasileira. Selecionamos, desse modo, casos expressivos de racismo ocorridos entre os anos de 2021 e 2022.

Tabela 1 – Casos escolhidos para análise

Caso	Ano
1 – Vitória, 4 anos, filha da cantora de <i>funk</i> Pocah	2021
2 – Menor Nico, 15 anos de idade, cantor e <i>influencer</i>	2021
3 – Criança de 7 anos (nome não revelado pelos pais)	2022

Fonte: elaboração própria

O motivo que nos levou a selecionar os casos supracitados, consistem de maneira primordial, na atualidade em que ocorreram, considerando os anos de 2021 e 2022, e pela repercussão que tiveram nas redes e na mídia em geral. E, principalmente, pela forma como esses ataques revelam nuances do tipo de racismo praticado no Brasil.

As redes sociais digitais criaram estratégias de identificação dos ataques racistas (ou de ódio) para deletá-los assim que postados, isso dificulta para o pesquisador a identificação direta dos ataques nas publicações. Assim, para realizar o estudo a respeito do ataque racista sofrido por Maria, filha de Pocah, e a criança de 7 anos, deteremos nossa pesquisa a sites de credibilidade, que, constam *prints* que comprovem a promoção do ataque. Há uma exceção, no entanto, ao caso do Cantor Menor Nico, o qual, conseguimos coletar no próprio *instagram* do jovem um *print* para exibir em nossa pesquisa.



# 1. CAPÍTULO 1 – RACISMO NAS REDES SOCIAIS

Considerando que o racismo se faz presente na sociedade brasileira desde a sua fundação, e que o advento das redes sociais digitais lhe deu grande alcance e visibilidade, visamos no decorrer deste capítulo, realizar breves reflexões sobre as redes sociais digitais e expor os ataques racistas que serão objeto de estudo na presente pesquisa.

## 1.2 Redes sociais digitais

Os espaços virtuais, no mundo contemporâneo, têm alcançado cada vez mais usuários. Estamos em uma era digital, e o avanço tecnológico, aliado a evolução das redes sociais, tem conectado significativamente as pessoas. O público que essas redes tem alcançado, abrange crianças, adolescentes (em sua maior proporção), adultos e idosos. É implacável a forma como as redes sociais permitem interação, comunicação, acesso a diversos tipos de conteúdo e isso tem prendido, de forma crescente, a atenção e o tempo das pessoas. Para Zenha (2018, p. 24):

Entende-se, como Rede Social online, o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria (desenho/mapa de um conceito) que seorganiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum.

São muitos os recursos permitidos por essas redes sociais digitais. As pessoas podem fazer uso de uma gama de funções, desde enviar e receber mensagens, compartilhar fotos, vídeos e comentar *posts*. Essas possibilidades caminham em prol de uma interação desenfreada entre os usuários das redes sociais, visto que, de forma primária, não existem “limites” impostos em relação a essas ações. Para Zenha (2018, p. 29):

As redes sociais online permitem executar ações de receber, enviar, criar e responder mensagens e disponibilizam aplicativos usados para seguir e compartilhá-las, para recomendar ou comentar os posts. Todos esses recursos são destinados à interação daqueles que utilizam as redes sociais para se relacionarem com outros membros a partir de um interesse comum.

Além de tudo isso, esses ambientes virtuais se tornaram espaços para circularem as informações e assuntos que são de interesse de determinados públicos, passando a atender os mais diversos tipos de usuários. Isso tem gerado cada vez mais busca das pessoas pelas redes sociais digitais. Segundo Azevedo e Caldas (2022, p. 297):

Na comunicação o tempo e espaço foram encurtados com a chegada da internet e redes sociais, nos permitindo comunicar com qualquer parte do mundo de modo instantâneo. É fato que as tecnologias nos atravessam de tal forma que já não conseguimos nos imaginar sem elas.

As pessoas já se habituaram com os recursos trazidos pela tecnologia, que além disso, se renovam constantemente. Ou melhor, sempre existe uma atualização, um novo recurso, entre outras novidades que se tornam cada vez mais atrativas no mundo virtual. Essas ações das redes sociais de sempre inovarem em seus espaços, já são estratégias para prenderem cada vez mais os usuários em seus espaços.

Assim, as redes sociais digitais passaram a fazer parte da “vida” das pessoas. Dificilmente se encontra alguém que não tenha se rendido em aproveitar os recursos desses espaços digitais. No entanto, existem alguns problemas relativos ao seu uso em massa, pois esses recursos disponibilizados pelas redes sociais passaram a apresentar alguns problemas no decorrer do tempo, isso por que, o que antes era apenas um lugar de interação para conversar, compartilhar fotos, vídeos e *memes*, comentar publicações e acessar diversos conteúdos, passou a ser um lugar propício para a disseminação de preconceito, intolerância, racismo, homofobia e outros diversos tipos de incitação de violência.

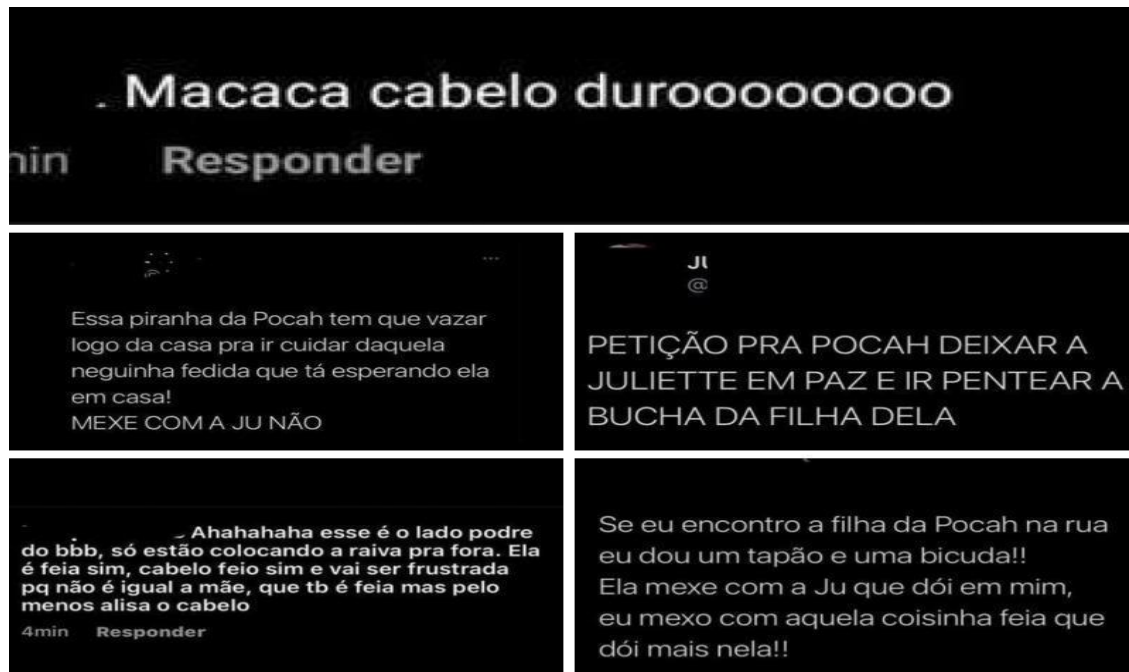
Considerando que existe uma certa “distância” entre os usuários das redes sociais, e que se trata de um ambiente que acolhe muitas pessoas, e, conseqüentemente, muitas “visões” e percepções acerca dos mais diversos assuntos, as redes muitas vezes passam a ser usadas como um meio “viável” para a propagação de ações depreciativas entre seus usuários.

### **1.3 Casos de racismo**

Com o propósito de discutirmos sobre as formas como o racismo tem se manifestado nas redes sociais digitais, escolhemos três casos recentes de ataques racistas no meio virtual. Nesse primeiro momento vamos apenas expor os casos, deixando a análise para o capítulo III.

O primeiro caso, ocorrido em abril de 2021, teve como vítima Vitória, de 4 anos, filha da cantora de *funk* Pocah que segundo a *Revista Quem*, a *funkeira*, expôs os ataques atribuídos a criança. Segundo o site, após um desentendimento entre a Juliete e a Pocah, no *reality show* do *Big Brother Brasil - BBB21*, os internautas se dirigiram ao perfil da menina e proferiram ataques de cunho racista.

Imagem 1 – ataque racista sofrido pela filha da cantora Pocah nas redes sociais digitais<sup>1</sup>



Imagens disponíveis em: <https://revistaquem.globo.com/Entretenimento/BBB/noticia/2021/04/perfil-de-pocah-expoe-racismo-contrafilha-dela-no-insta.html>. Acesso em: 28/03/2022

A criança foi chamada de “macaca”, “neguinha fedida” “coisinha feia”, além de ofensas em relação ao seu cabelo, que foi chamado de feio e associado a uma bucha. Foram diversos os ataques e ofensas sofridos pela menina, o que chamou atenção do público.

Pela brutalidade do caso, e pelo motivo do BBB21 ser um *reality* que tem ampla visibilidade em todo o Brasil, esse caso ganhou uma gigantesca repercussão. Diversos usuários das redes sociais digitais, famosos ou não, se demonstraram indignados com a forma violenta como o racismo se debruçou sobre uma criança indefesa de 4 anos de idade.

O segundo caso delimitado para essa pesquisa ocorreu com o cantor e *influencer* Menor Nico, de 15 anos, que expôs em seu perfil os ataques recebidos em sua rede social do *Instagram*, expressivamente abalado:

<sup>1</sup> As imagens são prints distintos que foram adaptados através de colagem de fotos.

Imagem 2 – print que consta ataque racista sofrido pelo cantor Menor Nico.



Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CW31i7yM0p8/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/reel/CW31i7yM0p8/?utm_medium=copy_link). Acesso em 28/03/2022

O cantor e *influencer*, em sua legenda, diz: “eu tento não ficar triste mas eu sempre ‘tô’ lendo essas coisas”. É possível perceber, nas exposições de mensagens colocadas pelo jovem, que ele recebe associações pejorativas: “você parece um macaco preto feio”, “Deus me livre parece uma aranha”, “Parece um macaco sem graça”. Além disso, se demonstra emocionalmente abalado com os ataques que recebe.

Nico, por ser uma grande revelação que ganhou espaço na música e na internet, comoveu os seus seguidores que se solidarizaram com a forma que o menino foi atacado e humilhado pelos racistas.

O terceiro e último caso escolhido para essa pesquisa, aconteceu em março de 2022, a mãe de uma criança de apenas 7 anos, denunciou o ataque racista sofrido pela filha: “Desculpa aí, mas vi uma macaca se coçando”. Isso aconteceu depois da mãe postar uma foto da menina vestida de princesa, para uma festa da escola.

*Imagem 3 – print que consta ataque racista sofrido pela criança de 7 anos.*



Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/noticiapreta.com.br/vi-uma-macaca-se-cocando-crianca-vestida-de-princesa-e-vitima/>. Acesso em 29/03/2022

Os pais da criança se demonstraram indignados frente ao ataque sofrido pela sua filha. E além disso, pelo alvo ser uma criança indefesa, de apenas 7 anos de idade. Desse modo, é possível afirmar que existem pessoas que se servem das redes sociais para destilar ódio. Essas práticas devem ser devidamente penalizadas, a fim de frear a propagação de ataques racistas.

Entendemos que o tipo de racismo praticado nessas postagens revela muito mais do que um tipo de violência, ódio ou crime praticado no ambiente virtual; diz respeito ao modo como a ideia de raça e o tipo de racismo que é praticado no Brasil. Trata-se de algo profundamente enraizado em nossa cultura e nas entranhas de nossa história. No tópico seguinte, desenvolveremos, ainda que de maneira geral, um debate sobre raça e racismo no Brasil, de modo que possamos compreender melhor os casos aqui em questão e aprofundar a nossa análise.

## 2. CAPÍTULO 2 – RAÇA E RACISMO NO BRASIL

### 2.1 Raça: um breve percurso histórico

É de suma importância, antes de adentrarmos no assunto posposto, trazer considerações teóricas sobre o que se entende por raça. As várias interpretações e visões acerca das raças durante a história, moldaram as suas representações. Portanto, cabe dizer que

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. (ALMEIDA, 2018, p. 19)

Pensar sobre a noção raça pode nos remeter a grandes recuos na história das ideias. Diante dos objetivos deste trabalho, iremos destacar apenas alguns dos pontos que julgamos centrais. Começaremos destacando que a categoria raça, emerge em um contexto de predominância de um “espírito positivista” no século XIX, em meio a um amplo debate sobre como explicar a diversidade (ALMEIDA, 2018). Se isto era anteriormente realizado por meio de uma “filosofia social”, agora deveria ser feito dentro do campo da ciência. Neste contexto, a biologia passou a “explicar” a diversidade humana:

[...] nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais das diferentes raças. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreciam ao surgimento de comportamentos *imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem pouca inteligência. (ALMEIDA, 2018, p. 23).

Esse tipo de pensamento, também chamado de “racismo científico”, obteve grande repercussão nos ambientes acadêmicos, científicos e políticos do século XIX, destacando-se as obras de Arthur de Gobineau, Cesare Lombroso e Raimundo Nina Rodrigues, este último, brasileiro (ALMEIDA, 2018).

Em contraponto a essa ideia apresentada pela biologia, em que características físicas eram utilizadas para explicar a diversidade, Cucho (1999, p. 41) faz referência ao antropólogo Franz Boas, que, em sua tese, alega:

[...] o conceito pseudocientífico de “raça humana”, concebida como um conjunto permanente de traços físicos específicos de um grupo humano, não resiste a um exame rigoroso. As pretensas “raças” não são estáveis, não há caracteres raciais imutáveis. É então impossível definir uma “raça” com precisão, mesmo recorrendo ao chamado método das médias. A característica dos grupos humanos no plano físico é a sua plasticidade, sua instabilidade, sua mestiçagem.

Segundo Cuche (1999), Boas não considerava coerente a ideia de associar os traços físicos e mentais como fatores responsáveis por explicarem a “raça”. Ao se colocar contrário a essa ideia, o antropólogo propõe, ao invés da “raça”, o conceito de cultura, dotado de capacidade explicativa muito maior em relação a diversidade humana. Desta forma, as diferenças entre as pessoas, povos e sociedades, não seriam produto de suas características biológicas, e sim, de sua cultura. Cuche (1999, p. 41/42), ao se referir ao pensamento de Boas, menciona:

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este “espírito” próprio de cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 1999, p. 45)

Diante disso, é possível mencionar que enquanto a sociologia pensa nos sujeitos a partir de uma perspectiva “coletiva”, visto que considera a cultura em que estão inseridos, a biologia parece pautar suas concepções no sujeito propriamente dito, quando considera seus traços físicos um fator possível de distingui-lo como pertencente a uma “raça”.

Contudo, embora a antropologia, no século XX, tenha constatado que não existem evidências que possam comprovar esse conceito de “raça”, Almeida (2018) nos chama atenção para uma importante questão: “o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para neutralizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários*.” (ALMEIDA, 2018, p. 24). Aqui, não se trata mais da utilização de “raça” como uma categoria biológica, e sim, social.

Partiremos, agora, para as discussões que competem à raça e ao racismo no Brasil, a fim de entendermos as características e peculiaridades do racismo à brasileira. Nos propomos a realizar uma reflexão sobre a “fábula das três raças” e as suas influências, sobretudo, nas questões sociais de desigualdade e do racismo, tal como designado por Roberto Da Matta (1981).

## **2.2 Raça e racismo no Brasil: características do racismo à brasileira**

Para explicar a dinâmica das relações raciais e a constituição do próprio racismo no Brasil, o antropólogo Roberto Da Matta recorre a uma imagem síntese: “a fábula das três raças”. Uma fábula é, de forma geral, uma narrativa ficcional, que instiga a imaginação. Assim, na perspectiva de Da Matta, trata-se de uma espécie de mito fundante da sociedade brasileira, que diz que o

Brasil foi formado pelo encontro “harmonioso” entre brancos, negros e índios. Entenderemos, desse modo, como as concepções de “harmonia” e “integração” que “fantasiosamente” “unem” as raças, se tornaram, ao longo da história, grandes problemáticas que, ao mesmo tempo em que são responsáveis por forjar uma identidade nacional, também mascaram hierarquias sociais e dão contornos ao racismo à brasileira.

A fábula das três raças, segundo o autor (1981, p. 69/70) permite que a sociedade seja vista por um viés singular, considerando que não existe uma “separação” ou hierarquização entre as “raças”. A esse respeito, afirma Da Matta (1981, p. 69/70):

Pode-se dizer que a ‘fábula das três raças’ se constitui na mais poderosa força cultural do Brasil, permitindo pensar o país, integrar idealmente sua sociedade e individualizar sua cultura. Essa fábula hoje tem a força e o estatuto de uma ‘ideologia dominante’: um sistema totalizado de ideias que interpenetra a maioria dos domínios explicativos da cultura. Durante muitos anos forneceu e ainda hoje fornece, o mito das três raças, as bases de um projeto político e social para o brasileiro (através da tese do ‘branqueamento’ como um alvo a ser buscado); permite ao homem comum, ao sábio, e ao ideólogo, conceber uma sociedade altamente dividida por hierarquizações como uma totalidade integrada por laços humanos dados com o sexo e os atributos ‘raciais’ complementares; e, finalmente, é essa fábula que possibilita visualizar nossa sociedade como algo singular – especificidade que nos é presenteada pelo encontro harmonioso das três ‘raças’. Se no plano social e político o Brasil é rasgado por hierarquizações e motivações conflituosas, o mito das três ‘raças’ une a sociedade num plano ‘biológico’ e ‘natural’, domínio unitário [...]

Isto é particularmente importante para compreendermos a especificidade que a ideia de raça possui em um país que se pensa a partir da integração, da miscigenação e da mistura. Uma boa maneira de demonstrar tal especificidade, é compararmos o caso brasileiro com o de outros países, a exemplo dos Estados Unidos.

Não se pensando pelo viés da “mistura”, ou do encontro harmonioso entre diferentes povos, há uma evidente separação entre o branco e o negro:

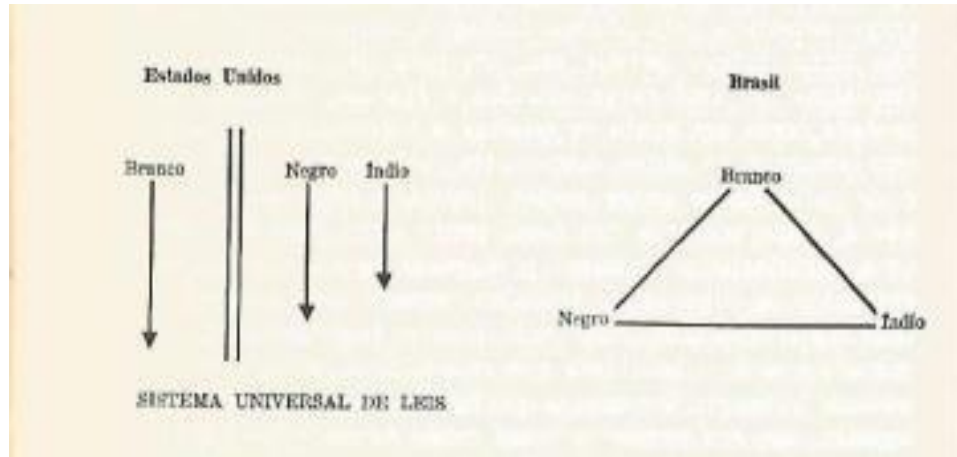
[...] no Brasil, a ideia das três raças existe desde a década de 1930. É o que podemos chamar de “mito fundador”. Neste processo de formação, as “raças” foram se assimilando culturalmente para chegar ao que chamamos de miscigenação. Temos o índio, o negro e o branco que se encontram nos trópicos, onde tudo é “festa”. Por isso no Brasil nem tudo o que é preto, é preto. Nem tudo o que é branco, é branco. Em casos como os Estados Unidos, esta classificação é mais delimitada pelo dualismo: branco e negro. (HENRIQUE, 2007, p. 5)

Nos Estados Unidos, as “raças” – brancas, negras e índias – seguem uma linha reta, e no Brasil, essas “raças” estão configuradas e reiteradas como partes que se complementam: “Enquanto, pois, o credo racista norte-americano situa as raças como sendo realidades individuais, e isoladas, e que correm de modo paralelo, jamais devendo se encontrar, no Brasil



elas estão frente a frente, de modo complementar como os pontos de um triângulo” (DA MATTA, 1981, p. 80) como é possível visualizar a ilustração abaixo:

*Figura 1 – As “raças” nos Estados Unidos e no Brasil.*



Fonte: DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis. Vozes, 1981.

Da Matta (1981, p. 81) menciona que os ‘tipos de preconceitos raciais’ estão em consonância com as ideologias dominantes de cada sociedade, e estão associadas, através de escolhas históricas, com recortes compactuados com realidades sociais. Assim, no Brasil, as “raças” se integram a partir da percepção de que existem diversas categorias que compõem uma “tríade social”. Por exemplo, no nosso país, os conceitos de “moreno”, “mulato” e “pardo” são comuns entre as pessoas, enquanto nos EUA, essas classificações não acontecem, pois eles não pensam na perspectiva de “mistura” de raças. Para Da Matta (1981, p. 82):

É precisamente isso, a meu ver, que permite integrar as ‘raças’ num esquema altamente coerente e abrangente, formando suas diferenças e hierarquias uma totalidade integrada. Por outro lado, essa integração permite até hoje discutir e perceber a acentuada miséria dos ‘negros’ e ‘índios’, sem perceber suas diferenciações específicas e, sobretudo, sem colocar em risco a posição de superioridade política e social dos ‘brancos’.

É possível afirmar, levando em consideração os argumentos trazidos, que se as ‘raças’ estão todas integradas dentro de um triângulo em que elas se complementam entre si, torna-se mais complexo o papel de identificar, em uma perspectiva racial, a desigualdade. Para Henrique (2007, p. 6):

[...] o Brasil sofre com o estigma do “mito fundador” das três raças. O debate brasileiro em torno da nacionalidade nunca considerou o negro como agente da história. No Brasil, “as raças” se complementam tornando-se impossível detectar racialmente a desigualdade social entre os negros. Quem é negro no Brasil?

Se pensarmos o Brasil a partir de uma ótica da “democracia racial”, por exemplo, percebemos o quão se torna complicada a distinção de raças, sob uma perspectiva de discriminação. Assim, é possível levar em consideração que: “[...] no Brasil, a discriminação não é de raça, mas de cor”. (HENRIQUE, 2007, p. 6).

Em nosso país, a cor e os traços fenotípicos dos sujeitos são características amplamente levadas em consideração no que concerne a discriminação racial. Para o sociólogo Oracy Nogueira (2006, p. 291/292): “[...] o preconceito, tal como se apresenta no Brasil, foi designado por preconceito de *marca*, reservando-se para a modalidade que aparece nos Estados Unidos a designação de preconceito de *origem*”. Para o sociólogo:

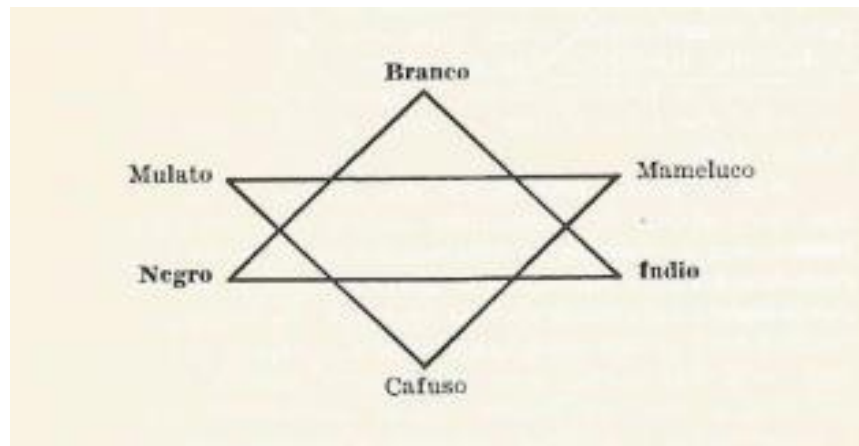
Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca, quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2006, p. 292)

Em nosso país, independente das origens, os indivíduos são discriminados racialmente em decorrência de sua cor e de seus traços, isso porque “onde o preconceito é de marca, serve de critério fenótipo ou aparência racial” (NOGUEIRA, 2006, p. 293). No Brasil, não se reflete sobre questões relacionadas a filiação ou descendências, desde que o sujeito apresente características, seja pelo grau de mestiçagem ou traços fenotípicos, que façam alguma relação com a condição negra, eles podem acabar sofrendo discriminação racial.

Em contrapartida, segundo Nogueira (2006), nos Estados Unidos, o mestiço é considerado negro, pois a própria condição mestiça deixa evidente a descendência de indivíduos negros, independente do sujeito ser loiro, pele branca e olhos claros. Isso revela o quanto a “origem” é um aspecto determinante nos EUA. Concomitantemente, aqueles que são considerados “morenos” no Brasil, nos Estados Unidos são negros.

Da Matta (1981, p. 82) ilustra como as “misturas de raças”, recorrentes no Brasil, podem gerar, segundo as palavras do estudioso “tipos intermediários” de pessoas, em decorrência da miscigenação dessas “raças”, vejamos:

Figura 2 – Mistura de “raças”



Fonte: DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis. Vozes, 1981.

O mito das três raças, entre outras coisas, acaba por contribuir para que não enxerguemos as desigualdades e hierarquias sociais existentes na sociedade brasileira. Em suma, “a afirmação da miscigenação, não os coloca no mesmo plano, porque a cada um deles é atribuída uma qualidade diferente na formação do caráter moral do brasileiro” (BRASIL, 2009, p. 201).

Para Brasil (2009, p. 202), o mito das três raças se fundamenta na percepção de que a miscigenação é resultado da formação de diferentes grupos, concomitantemente, com qualidades morais que se divergem, a depender do “grupo racial” ao qual pertençam. Como demonstra Da Matta (1981, p. 82), o “branco” ocupa um espaço de destaque em relação as outras raças, hierarquizando expressamente os ditos “grupos raciais”, de modo, que ao mesmotempo que “integra”, os “divide” em posições que remetem a desvantagens.

A organização das ciências sociais no país, desde 1930, segundo Brasil (2009, p. 202) demandaram estudos diferentes entre os sujeitos de raça (negros) e de etnia (índios), onde diversos estudiosos se dedicavam em conceber ao país um estudo sobre sua realidade. Em consonância, “[...] o Estado Nacional produziu expedientes de controle cultural e social para cada um deles, gerando formas distintas de lidar com a alteridade representada por indivíduos não-brancos, *incivilizados, inferiores em termos mentais e culturais*” (BRASIL, 2009, p. 202), embora eles precisassem ser reconhecidos enquanto parte integrante do país:

Tratava-se de administrar e acelerar uma transformação natural e necessária, principalmente porque o processo de “transformação” de negros e de indígenas em branco representava também um percurso diferente. (BRASIL, 2009, p. 202)

Na linha tênue entre a “pureza” do índio e a “contaminação” do negro, segundo Brasil (2009, p. 202), o propósito nacional, em jus a consciência de origem seria de romantizar e proteger o indígena, no entanto, “[...] o indígena é objeto de contaminação e precisa ser

preservado, ainda que mantido à distância – espacial e temporal – como acontece com todo ponto de origem” (BRASIL, 2009, p. 202), isso por que, como salienta Brasil (2009) embora a identidade nacional precisasse ser preservada, o negro e africano não demandavam vantagens de imagem, esta, que deveria ser evitada para não “contaminar” um país predominantemente “branco”.

Em suma, explorando mais fundo a ilustração de Da Matta (1981, p. 82), respectivamente, a imagem 2, a mistura entre o branco e o negro que origina o mulato, “[...] tem nos estudos raciais, por exemplo, uma positividade que o/a Caboclo/a<sup>2</sup> [ver mestiço] não tem nos estudos étnicos ou indigenistas.” (BRASIL, 2009, p. 203). Nessa perspectiva, como aponta Brasil (2009) enquanto o mulato apresenta um certo seguimento em direção a uma nação branca, o caboclo (mistura do branco com índio) denota uma expressiva perda cultural, no que tange a “raça” indígena.

O ponto final dessas transformações é pensado como a eliminação ou a domesticação das diferenças, todos convergindo para um mesmo povo, que possui variações culturais, mas que são apenas regionais, confirmando a grandiosidade de um mesmo Brasil rico em cenário turísticos e em aspectos folclóricos. Mas este tipo de diferença que resta e que é permitido é uma diferença para fora, para o consumo, para o mercado. Não é mais uma diferença para dentro, para a vida, para as formas de organização. (BRASIL, 2009, p. 203)

Por fim, é preciso dizer que uma das consequências que o mito de origem da sociedade brasileira – expresso por Da Matta enquanto uma “fábula das três raças” – possui, é que ele dificulta o reconhecimento da existência do racismo na sociedade brasileira. Numa pergunta: como um povo que se pensa a partir da mistura irá se reconhecer racista? Isso possui grande repercussão no que diz respeito à ideia de raça e ao tipo de racismo praticado no Brasil. Primeiro, como destacado por Nogueira, temos uma noção de raça ou “negritude” que se constrói a partir de atributos fenotípicos. Depois, trata-se de um tipo de racismo muitas vezes velado, camuflado, insidioso ou não reconhecido como racismo: “a harmonia racial é uma ideia socialmente construída para manter uma cultura de que não existe preconceito ou discriminação nas relações raciais.” (RODRIGUES, 2019, p. 20).

Houve mistura. E isso é inegável. No entanto, tratou-se de uma mistura que manteve praticamente intacta, por muito tempo, as hierarquias sociais presentes na sociedade. Ideia essa que a fábula das três raças contribui para não reconhecermos.

---

<sup>2</sup> Convém salientar que Mameluco apresentado pela mistura do branco com índio na imagem dois de Da Matta (1981) corresponde a Caboclo, na perspectiva de Brasil (2009).

O que a história nos revela é que a população negra no Brasil sempre foi alvo de discriminação, preconceito, intolerância e exploração. Isso pode ser comprovado desde as evidências históricas dos negros que foram escravizados, até os tempos atuais, em que vivemos uma era tecnológica em que, nas redes sociais, o racismo ainda continua sendo propagado.

Por fim, percebemos durante essa seção, como o “mito fundante” da sociedade brasileira, em uma perspectiva racial, tem influências sobre a constituição do nosso país. Esse mito nos revela diversas nuances do racismo à brasileira, e além disso, forja o sistema altamente hierarquizado do nosso país.

### 3. CAPÍTULO 3 – VIOLÊNCIA NA LINGUAGEM

Nesta seção, vamos discutir as relações entre linguagem e violência e o racismo linguístico, a partir da análise dos casos expostos no capítulo I. Visamos, desse modo, compreender as nuances do racismo à brasileira reveladas através dos ataques racistas ocorridos por meio das redes sociais digitais.

#### 3.1. Usos violentos da linguagem: o racismo linguístico

Ao compreendermos a linguagem como uma forma de interação entre os sujeitos, dentro de um panorama comunicativo, cabe um adendo no que concerne ao seu uso de forma violenta.

Para Silva (2017, p. 36):

[...] defendemos que dentre as inúmeras coisas que podemos fazer com a linguagem está a violência. Para além de representá-la ou mesmo descrevê-la, em determinados contextos, a linguagem pode constituir-se como uma modalidade específica de ato violento, a qual designamos como violência linguística.

Embora as concepções mais comuns em torno da violência estejam voltadas para aquelas que fazem relação com agressões físicas, cabe questionar: como a linguagem pode se manifestar violentamente? Para Paulo Rodrigues (2012, p. 53): “Dentro das inúmeras “coisas” que se pode fazer através de palavras, encontra-se a injúria, a violência”. Mas não somente a injúria fundamenta a violência linguística. É preciso reconhecer que dentro de uma situação injuriosa de uso da linguagem, existem contextos históricos e sociais que são reiterados:

[...] a produção de significados violentos, no que tange à violência linguística, não diz respeito exclusivamente ao emprego de palavras que gozem, no interior do léxico de uma língua específica, de acepções consideradas injuriosas ou negativas. Os mecanismos pelos quais operam tais significados é a atualização de determinados contextos comunicativos, sociais e/ou históricos marcados pela injúria, que, por meio da enunciação de determinados atos de fala, atualizam seus contextos violentos e, por conseguinte, a violência nas quais foram produzidos se realiza reiteradamente. (SILVA, 2017, p.38)

Nas considerações trazidas por Silva (2017, p. 38), quando estimamos que a língua se manifesta violentamente contra os sujeitos, estamos considerando não apenas o léxico das palavras propriamente ditas, fundadas em significados que expressem negatividade ou injúria,

mas também a historicidade que existe por trás das palavras proferidas contra os indivíduos<sup>1</sup>. Assim, quando se faz uso de expressões linguísticas que denotem depreciação de um sujeito ou de um grupo social, em uma perspectiva linguística, leva-se em consideração os contextos históricos que essas palavras fazem apologia. Desse modo, a língua se manifesta violentamente através de um contexto estrutural e histórico que envolve os seus usos.

Pensando no racismo materializado a partir da língua, percebemos essa relação entre racismo e linguagem. Nascimento (2019, p. 16) explica:

Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a língua é uma posição nessa estrutura. Em minha hipótese principal aqui, entendo que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação.

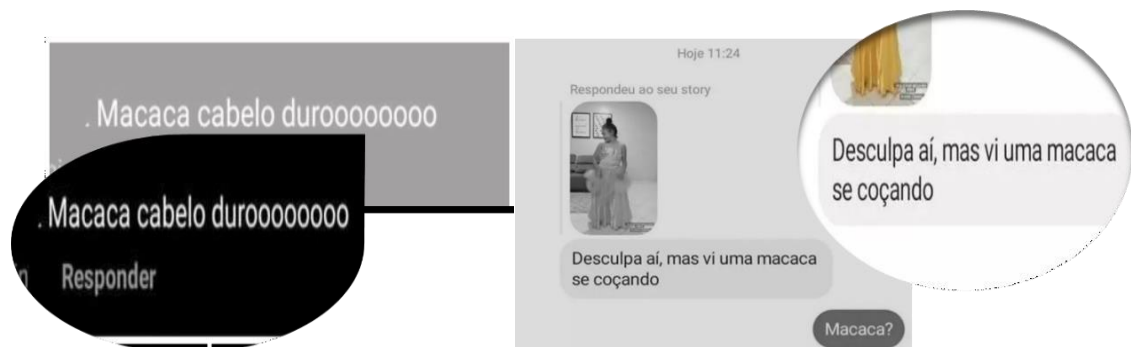
Assim como afirma Nascimento (2019) o racismo está enraizado nas profundezas históricas, econômicas, culturais e políticas de nossa sociedade, e a língua exerce a função de materializar o racismo, que é substanciada pelas formas de domínio de nossa sociedade.

Quando encaramos a língua como uma forma de dominação, também estamos admitindo que ela cria um elo de hierarquia entre os sujeitos, e é justamente isso que ocorre quando a linguagem é usada para produzir racismo.

Assim como vem sendo discutido, o racismo, por exemplo, segundo Nascimento (2021, p. 2) é uma formação histórica. Para o autor, “[...] não é a ideologia que fomenta uma dada formação histórica, mas são formações históricas que se retroalimentam de ideologias e as condicionam como ideologia. Isso é linguagem” (NASCIMENTO, 2021, p. 2).

As construções históricas, e além disso, a forma como a história construiu a ideia de raça, são aspectos determinantes quando falamos de racismo, sobretudo, no Brasil. Nos casos que nos propomos analisar nesta pesquisa, vemos situações em que a língua foi utilizada para expressar o racismo. Observemos os fatos de Vitória, da menina de 7 anos e do Menor Nico:

*Imagem 4: análise dos casos – a nuance desumanizadora do racismo*



<sup>1</sup> É importante considerar que também existe o racismo “não-dito”, que pode ser manifestado de outras formas que não sejam verbais.



*Imagens adaptadas pela autora*

Nos casos expostos, que muito nos dizem sobre o tipo de racismo praticado no Brasil, subsidiado pela forma como a história construiu a imagem do negro na nossa sociedade, encarados como seres “desumanizados”, quando comparados a um animal, Nascimento (2021) mostra o papel da língua nessa construção: “Enquanto palavras da língua são racistas, porque a língua guarda relações racistas, as pessoas usam a língua para metaforizar o racismo com expressões onde pessoas pretas estão na ponta da opressão, como é o caso do nome macaco”. (NASCIMENTO, 2021, p. 7).

Na ideia de Nascimento (2021), a língua e o racismo são interdependentes, essa afirmação se alinha ao nosso entendimento, de que é através da língua que as relações racistas acontecem no sentido linguístico. Na nossa pesquisa, quando consideramos que a violência linguística está empregada nas relações de racismo, estamos colocando em questão as ações depreciativas que tem o negro como objeto centralizador.

Quando a língua é usada para xingar um fenotípico negro, através de uma metáfora pejorativa, é possível constatar o modo como a “imagem” da pessoa negra se constitui em uma relação de prática do racismo. Aqui, não se discute o léxico das palavras, mas os sentidos que os seus usos reiteram.

Nesses casos de racismo, vemos muito mais do que um xingamento ou uma metáfora pejorativa que tem o negro como alvo principal, pois, além disso, é possível perceber as



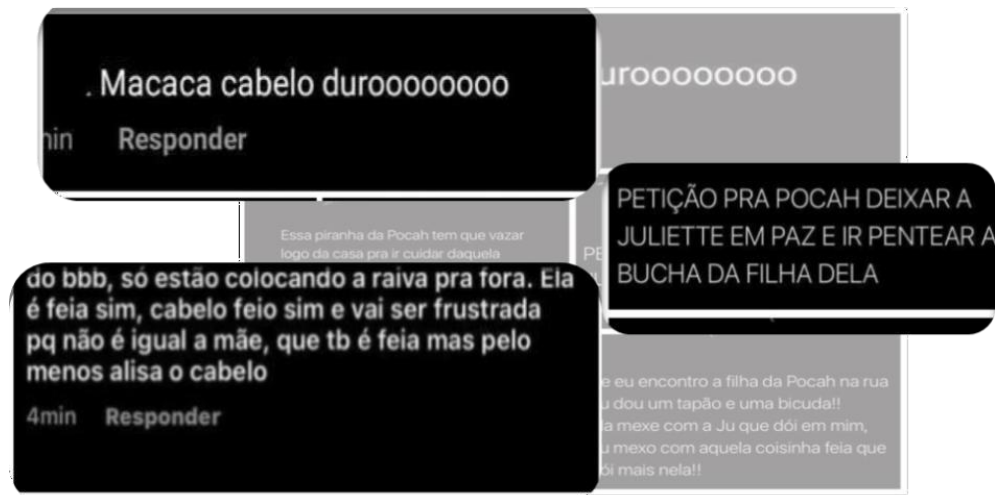
formas como o racismo praticado no Brasil se debruça sobre as pessoas negras, alimentados por uma construção colonial que, em nome de uma cultura hierarquizada, os fez enxergar como menos humanos.

Existem diversos outros pontos que são alvos de ataques racistas. Como já discutimos no capítulo 2 desse trabalho, no Brasil, o preconceito racial, como muito bem lembra Oracy Nogueira (2006), é de marca, onde se considera os traços fenóticos dos sujeitos. Nesse sentido, o cabelo, por se tratar de um aspecto central da identidade negra em nosso país, é um dos principais alvos do racismo. É importante lembrar também que:

a identidade étnico-racial negra no Brasil é construída no seio de grandes conflitos raciais. Carregar no corpo dados biológicos e culturais da identidade negra pode acarretar grandes conflitos raciais, que são subjetivamente negativos para a autoestima da mulher negra, sendo assim, o cabelo crespo é uma das expressões da identidade negra que sofre constantes ataques racistas. (QUEIROZ, 2019, p. 2016)

É indispensável reconhecer que a história é marcada por conflitos que desfavorecem a identidade negra, sobretudo, no que diz respeito aos traços fenotípicos. Analisemos, pelo âmbito de uso da língua para metaforizar o racismo e pela questão de identidade negra, o caso de Vitória:

*Imagem 5: análise dos casos - cabelo enquanto identidade*



*Imagens adaptadas pela autora*

Foquemos, inicialmente, no trecho “ir pentear a bucha”. Aqui, o racismo é metaforizado através da língua. As associações pejorativas que competem a identidade negra revelam uma nuance violenta do racismo à brasileira.

Esse tipo de xingamento faz jus à uma construção histórica que consiste na aversão ao cabelo crespo. Além disso, “cabelo duro” e “cabelo feio” são expressões que trazem à tona o

ideário da estética branca e do cabelo “alinhado” enquanto sinônimos de beleza.

Muito mais do que uma postura pejorativa da identidade negra, revelada pela depreciação do cabelo crespo, vemos uma relação de aversão. A palavra “bucha”, por exemplo, aqui é usada para menosprezar a estética negra, e além disso, inferiorizar a aparência em detrimento ao cabelo liso, predominante na estética branca.

No alento dessa percepção, faz-se necessário mencionar que, como na maioria dos casos de violência, onde se situam os discriminadores e discriminados, existe uma relação de domínio. Assim, “[...] o uso que fazemos da linguagem reflete todos os conflitos e contradições sociais em que estamos inseridos” (RODRIGUES, 2012, p. 55), por isso, em muitos dos contextos, a linguagem violenta se manifesta pela exclusão e anulação dos sujeitos da sociedade.

Para entendermos essa relação de domínio, já mencionada anteriormente, e da hierarquia criada em decorrência dessa questão, nos remetemos a figura 2, do quadro elaborado por Da Matta (1981), situado no capítulo 2 deste trabalho (p. 25), mais propriamente, quando o teórico alega que, ao mesmo tempo que estamos “integrados” amparados pela crença de uma união harmoniosa entre as “raças”, estamos hierarquizados, e assim, o “branco” não sai da posição de privilégios, enquanto o negro e seus descendentes, se encontram em patamares de pouco prestígio social.

Quando dizemos que a língua cria hierarquias, estamos partindo do entendimento de que a sociedade é hierarquizada. E que existem sujeitos que usam a língua como instrumento de dominação e de inferiorização, como é o caso do racismo expresso e materializado pela linguagem.<sup>3</sup>

Além disso:

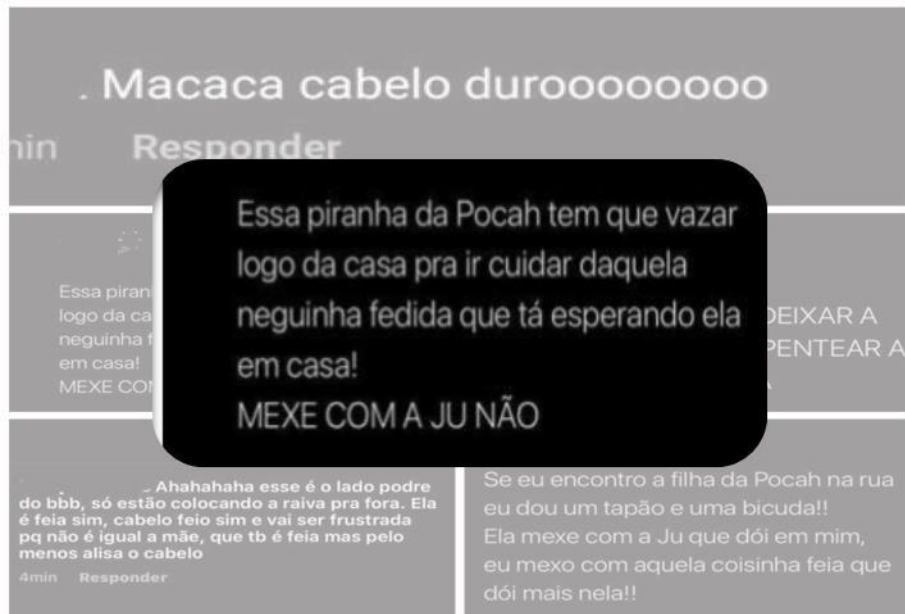
[...] numa visada pragmática, chamamos de violentos os usos linguísticos que, ao posicionarem o outro – especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade e o território que não se quer habitar – num lugar vulnerável, acabam por insultar, injuriar ou violar a sua condição. Entendemos ser este um fato situado, em que certos recursos da língua são empregados para ferir. Dito de outro modo, quando um sujeito ou grupo de sujeitos usa a língua para diminuir, depreciar, desdenhar ou abominar um grupo social ou um indivíduo específico, ele ou ela está usando a língua violentamente, i.e., está afetando uma estrutura de afetos que se sustenta na linguagem. O racismo, por exemplo, quando expresso linguisticamente, é uma instanciação da violência na linguagem. (SILVA e ALENCAR, 2013, p. 136-137)

---

<sup>3</sup> Marcos Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?” também mostra que há outros casos de dominação e inferiorização que podem ocorrer através da língua, onde muitas vezes, ela é usada para demarcar posições e classes sociais.

Para refletirmos sobre as considerações de Silva e Alencar (2013), vejamos o exemplo do caso de Vitória, quando é chamada de “neguinha fedida”:

*Imagem 6: análise do caso - relações de domínio e menosprezo*



*Imagens adaptadas pela autora*

A palavra “neguinha”, em seu sentido diminutivo, já parece criar uma hierarquia entre a pessoa que profere tal ofensa e a pessoa que é alvo. Isso parece piorar quando além desse insulto, a menina é chamada de “fedida”. Assim como salientam Silva e Alencar (2013), a língua aqui parece ser usada para ferir, ou tornar menos importante a existência da menina.

A violência linguística, subsidiada pelo racismo manifestado através da língua, também pode se manifestar por meio de usos que ferem a dignidade dos outro(s). Se pensarmos em nossa sociedade como uma esfera que se divide em grupos, os usos da língua que se sobreponham de forma violenta os grupos menos favorecidos, por meio de insultos, menosprezo e injúria, que caracterizam a violência linguística.

Como já vem sendo discutido, em uma situação de prática de racismo, os sujeitos se servem da língua para incitar a violência racial, de modo que diminuem, depreciam e proferem ataques a esse grupo, em virtude das suas características especificamente fenotípicas, e, em outros casos, das suas condições sociais, que os situam como grupos desfavorecidos. Como exemplos de ataques ao fenotípico, que são inferiorizadas quando se refere a uma estética negra, podemos citar os casos de Vitória e Menor Nico:

*Imagem 7: análise dos casos - ataques a aparência*



*Imagens adaptadas pela autora*

O cantor Menor Nico, inúmeras vezes, é chamado de feio, mais expressivamente, “preto feio”, no caso de Vitória, além de ser chamada de feia, também recebe o tratamento de “coisinha”, deixando ainda mais evidente a marca de exclusão e menosprezo pela sua pessoa, além disso, ser chamada de “coisinha” a desumaniza por completo, e em consequência, tira da criança a sua identidade e o seu valor enquanto ser humano.

Quando o negro é chamado de “feio”, fica subtendido que existe um padrão de beleza ao qual a sua aparência não se adequa. Isso, associado a palavras depreciativas como “coisinha” já denuncia uma nuance violenta e esteticamente menosprezada da aparência negra.

Nesses casos analisados, vemos muito mais do que um tipo de violência, mas o quanto ahistoricidade e a língua são fatores que estão intimamente ligados no sistema estrutural de dominação de modo que origina uma hierarquia social.

Em decorrência de uma herança histórica, cultural, política e econômica, como já discutimos no capítulo 2 desta pesquisa, a “fábula das três raças” no Brasil, é uma representação fantasiosa e forjada que apenas emula uma identidade nacional. Isso se comprova através da análise dos casos. A língua em si, já se revela de forma a materializar o racismo existente na nossa sociedade.

A linguagem e o racismo estão entrelaçados porque a sociedade é racista e a língua serve para materializar representações da sociedade. De forma mais acertada, cabe enfatizar o fato de que não é a língua que origina a violência ou o racismo, mas é um meio para que ela ocorra. Isso porque, a sociedade propriamente dita, em sua forma estrutural, já carrega consigo evidências históricas de diversos problemas sociais. Por exemplo, a injúria, a discriminação e demais fatores depreciativos, são expressos através da língua. Pensando nesses casos, percebemos o quanto a linguagem pode se apresentar de forma violenta e pode ser usada para as práticas de racismo em nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de elencar as possíveis conclusões para essa pesquisa, cabe mencionar, que realizar um estudo tomando como base as manifestações de racismo ocorridas dentro dessas redes sociais digitais, é uma missão complexa. Dito de outro modo, para compreender como o racismo ocorre nesses meios comunicativos de interação, é preciso realizar um estudo que nos remete as profundezas históricas da nossa sociedade. Isso porque, o que ocorre nas redes sociais digitais é espelho de uma herança histórica e cultural construída desde os nossos primórdios.

É possível dizer, através das constatações feitas durante as leituras realizadas no processo de construção dessa pesquisa, que a “raça” em nosso país não é um problema, desde que ela não abale as estruturas da hierarquia social. Independente das teorias criadas para forjar as desigualdades sociais, e, conseqüentemente, uma identidade nacional, fundadas na fábula das três raças, o ser “branco” nunca saiu do lugar de privilégios, ou do ápice da hierarquia social. É justamente isso que nos inquieta enquanto sujeitos que reconhecem quem são os ocupantes de lugares privilegiados – bem vistos ou pouco julgados – em nossa sociedade, em sua grande maioria, os ditos indivíduos de pele clara.

Diante dessa crítica inicial, e indispensável para retomarmos as considerações finais, agora nos propomos a retomar as perguntas que foram norteadoras na construção da presente pesquisa:

- De que forma o racismo tem se manifestado nas redes sociais digitais?
- Como as redes sociais contribuem para a disseminação do racismo?
- De que maneira a linguagem e o racismo estão entrelaçados?

O primeiro capítulo do presente trabalho, já pode ser utilizado para responder à pergunta inicial posta dos tópicos. Percebemos durante os casos expostos, que o racismo se manifesta de forma violenta contra os sujeitos, independentemente de serem atribuídas por meio de mensagens diretas ou de publicações. O principal alvo dessas manifestações de racismo é o ataque as características fenotípicas dos sujeitos, evidência que muito nos diz sobre o tipo de racismo praticado no Brasil. Vimos por meio dos casos apresentados que as ofensas racistas caminhavam na seguinte direção: desumanizar ou animalizar (quando chamados de macacos ou de aranhas), chamar de fedidos, ou criticar seus cabelos, através de associações pejorativas. Além disso, são chamados de feios, ou seja, são inferiorizados devido as suas características fenotípicas em detrimento aos brancos.

O sociólogo Oracy Nogueira (2006) já aponta para o tipo de preconceito racial praticado no Brasil, que segundo ele é de marca, por considerar traços fenotípicos dos sujeitos. Para tanto, isso já nos direciona para compreendermos como o racismo tem se manifestado nas redes sociais digitais, por esses serem os principais alvos dos ataques racistas.

Agora, partindo para a segunda pergunta norteadora dessa pesquisa, cabe reforçar que, como a própria pergunta já consta, as redes sociais apenas “contribuem”. Isso porque o racismo não é algo contemporâneo que passou a existir em consonância com as redes sociais digitais, pelo contrário, está desde a nossa origem enraizada na sociedade. No entanto, a era tecnológica em que nos encontramos, e com a ampla acessibilidade de usuários, os ataques racistas ganharam maior proporção e visibilidade. Essa é a grande problemática do século: os racistas não têm escrúpulos na hora de destilar seu ódio, e, o que antes acontecia em situações isoladas, agora ganhou números inestimáveis de usuários que pactuam com tais práticas<sup>4</sup>. Portanto, é desse modo que as redes sociais digitais contribuem para a disseminação do racismo.

Agora, no que condiz com a última pergunta, cabe considerar duas palavras chaves: linguagem e racismo. Embora pareça óbvio, visto que discutimos sobre esses dois aspectos durante a construção desse estudo, esses dois eixos merecem reflexões distintas antes de chegarmos a uma resposta concreta sobre o entrelaçamento existente entre eles. A princípio, entendemos a linguagem, em seu sentido mais amplo, como uma forma de expressão de pensamentos. De forma mais pontual, refletiremos sobre língua e violência, e racismo na linguagem.

Como foi visto no decorrer do capítulo III, apoiados nas ideias de Nascimento (2019), o racismo é construído com bases estruturais, e a linguagem ocupa um lugar nessas relações. Logo, em nossa sociedade, a língua funciona como um meio para expressar o racismo. Em seus usos mais gerais, a língua funciona como uma representação de uma sociedade racista. Como vimos nos casos analisados, e nos apoiando no levantamento de Nascimento (2021) quando ele diz que a língua metaforiza o racismo, as colocações de “macaco”, “aranha”, “bucha” (para se referir ao cabelo) e as demais ações depreciativas, tiveram o negro como objeto centralizado das ofensas. Assim, raízes históricas de uma sociedade racista se revelam por meio da linguagem.

Considerando as reflexões trazidas até aqui, a hipótese levantada no início da produção do presente trabalho se confirma, pois as redes sociais digitais são espaços que “democratizam”

---

<sup>4</sup> Este fato tem suscitado um amplo debate sobre redes sociais digitais e “liberdade de expressão”.

bastante as opiniões das pessoas, dando espaço para o racismo à brasileira se revelar de modo violento e discriminatório sobre as suas vítimas.

Além disso, as pessoas parecem se sentir impunes nas práticas de seus atos discriminatórios de racismo. Apesar de serem crimes, os seus usuários parecem não se sentirem intimidados quando vão propagar seus ilícitos, esse pensamento advém da constatação de que, mesmo que essas ações venham a serem julgadas pelo âmbito jurídico, elas continuam acontecendo.

A responsabilidade por publicações indevidas em redes sociais, que acabe infringindo o direito à intimidade, vida privada, honra e imagem exclusiva daquele que cometeu o ilícito. As formas mais comuns de violação deste direito ocorrem quando há manifestações de desrespeito, publicação de mensagens indesejadas, publicações rechaçando a honra ou moral de outrem; podendo estas condutas caracterizar crimes de calúnia, injúria e difamação, não sendo afastada ainda a devida responsabilização civil. O livre acesso de publicação: - inclusive da vida pessoal; é a grande responsável pelos riscos inerentes ao uso das redes sociais, pois enquanto uns usam a redes para narrar detalhadamente a sua rotina, outros maliciosamente usam destas informações para cometer ilícitos. (DE VASCONCELOS eEVANGELISTA, 2016, p. 13)

Nem sempre há um uso consciente e respeitoso das redes sociais digitais, o que há, por parte das pessoas que pactuam com o racismo, é na verdade, um uso revestido de maldade e discriminação, isso coloca em risco a dignidade e o respeito pelas pessoas.

Essas conclusões que levaram a responder as perguntas feitas no início da pesquisa, foram subsidiadas pelas leituras críticas e considerações teóricas estudadas durante a construção do trabalho. Considera-se, por fim, que os objetivos foram concluídos, visto que toda a estrutura foi desenvolvida abordando estudos que corroboraram com o cumprimento das etapas traçadas previamente, e que consistiu em um roteiro que favoreceu e ofereceu respaldo científico para que fosse possível responder ao problema de pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- AZEVEDO, R. B.; CALDAS, M. T. **A produção de verdades nas redes sociais digitais e intolerância à opinião divergente.** *Concilium*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 295–309, 2022. DOI: 10.53660/CLM-120-139. Disponível em: <http://www.clium.org/index.php/edicoes/article/view/120>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRASIL, Secretaria de Política para Mulheres. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social.** Petrópolis. Vozes, 1981.
- DE VASCONCELLOS, Renata Nasinhaka Tex; EVANGELISTA, Deborá Cristina Thomaz. O discurso do ódio nas redes sociais: os riscos e vantagens da sociedade informacional e o tratamento jurídico brasileiro—o racismo velado. **Revista Palotina de Estudos Jurídicos e Sociais**, v. 2, n. 1, 2016.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3.** Artmed editora, 2008.
- HENRIQUE, Carlos. Reconstrução: uma abordagem sócio-histórica sobre o racismo à brasileira. **Revista Urutágua, Maringá**, v. 12, p. 1-11, 2007.
- NASCIMENTO, Gabriel. RACISMO LINGUÍSTICO É SOBRE PALAVRAS? Um prefácio. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, v. 8, n. 1, p. 3-15, 2021.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:** sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1. 2006.
- QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de gênero e tecnologia:** Curitiba, v. 12. nº. 40, p. 213-229, 2019.
- RODRIGUES, Michele Aldano Alves **O racismo está online:** discurso de ódio nas redes sociais no Brasil contemporâneo / Flavia Rios, orientadora. Niterói, 2019. 45 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2019.

RODRIGUES, Paulo César Cabral. **Atos de fala e ideologia–a violência linguística nodiscurso da revista Veja sobre as favelas**. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. de. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 55, n. 2, p. 129–146, 2013. DOI: 10.20396/ce.l.v55i2.8637294. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ce.l/article/view/8637294>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **Atos de fala transfóbicos no ciberespaço** : uma análise pragmática da violência linguística. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, n. 49, p. 19-42, 2018.